REVISTA SAÚDE DOS VALES

ISSN: 2674-8584 V.1 – N.3– 2024

O PAPEL DA ENFERMAGEM NO ESTABELECIMENTO DA COMUNICAÇÃO TERAPÊUTICA COM A CRIANÇA COM TRANSTORNO AUTISTA

THE ROLE OF NURSING IN ESTABLISHING THERAPEUTIC COMMUNICATION WITH CHILDREN WITH AUTISTIC DISORDER

Maria Angelica Sena Silva Barbosa

Acadêmica do 9º período do curso de Enfermagem, da Faculdade Alfa-UNIPAC de Teófilo Otoni/MG,

E-mail: mariaangelicasenasilva654@gmail.com

Mariana Leal Oliveira

Professora de Graduação em Enfermagem na Faculdade Alfa-UNIPAC de Teófilo Otoni/MG,

E-mail: marianaleal.prof@gmail.com

RESUMO

Este trabalho aborda o papel da enfermagem no estabelecimento da comunicação terapêutica com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O objetivo é destacar a importância dos profissionais de enfermagem na promoção de uma comunicação eficaz e inclusiva, visando o bem-estar e o desenvolvimento dessas crianças. Utilizando uma metodologia de pesquisa bibliográfica, foram revisados estudos que abordam a atuação da enfermagem no cuidado às crianças com TEA, especialmente no contexto da comunicação terapêutica. Estratégias como o uso do Picture Exchange Communication System (PECS) e a Comunicação Facilitada são discutidas como recursos que podem ser empregados pelos enfermeiros para facilitar a interação e compreensão das crianças com TEA. Considera-se que a sensibilização e capacitação dos profissionais de enfermagem são fundamentais para oferecer um cuidado centrado no paciente e adaptado às necessidades individuais de cada criança. Ao promover uma comunicação terapêutica eficaz, a enfermagem contribui significativamente para o desenvolvimento das habilidades de comunicação e qualidade de vida das crianças com TEA, destacando-se como um componente essencial na equipe multidisciplinar que cuida desses pacientes.

Palavras-chave: Autismo. Criança. Enfermagem.

REVISTA SAÚDE DOS VALES

ABSTRACT

This work addresses the role of nursing in establishing therapeutic communication with children with Autism Spectrum Disorder (ASD). The objective is to highlight the importance of nursing professionals in promoting effective and inclusive communication, directing the well-being and development of these children. Using a bibliographical research methodology, studies were reviewed that address the role of nursing in caring for children with ASD, especially in the context of therapeutic communication. Strategies such as the use of the Picture Exchange Communication System (PECS) and Facilitated Communication are discussed as resources that can be used by nurses to facilitate interaction and understanding for children with ASD. Consider that the awareness and training of nursing professionals are fundamental to offering patient-centered care adapted to the individual needs of each child. By promoting effective therapeutic communication, nursing contributes significantly to the development of communication skills and quality of life of children with ASD, standing out as an essential component in the multidisciplinary team that cares for these patients.

Keywords: Autism. Child. Nursing.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista é uma condição complexa que afeta o neurodesenvolvimento e influencia significativamente a comunicação e interação sociais, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento. Diante dessa realidade, a enfermagem desempenha um papel fundamental no estabelecimento da comunicação terapêutica com crianças que enfrentam esse transtorno (KANNER, 1943).

A escolha desse tema se justifica pela necessidade de destacar a importância da enfermagem no cuidado integral às crianças com TEA, especialmente no que diz respeito à promoção da comunicação terapêutica. Considerando a complexidade desse transtorno e suas variadas manifestações é essencial que os profissionais de enfermagem estejam capacitados para compreender e atender às necessidades específicas de cada criança, proporcionando um ambiente acolhedor e facilitador para o desenvolvimento de suas habilidades de comunicação.

O objetivo desse trabalho é elucidar o papel da enfermagem na promoção da comunicação terapêutica com crianças com TEA, destacando estratégias e técnicas que podem ser empregadas para facilitar a interação e compreensão desses pacientes. Além disso, busca-se sensibilizar os profissionais de enfermagem sobre a importância do seu

papel nesse contexto e incentivá-los a buscar constantemente atualizações e capacitações para oferecer um cuidado cada vez mais qualificado e centrado no paciente.

A problemática central que orienta este estudo reside na necessidade de compreender os desafios enfrentados pelas crianças com TEA no estabelecimento da comunicação e no papel crucial que a enfermagem desempenha nesse processo. Diante da complexidade desse transtorno e da diversidade de suas manifestações, como os profissionais de enfermagem podem promover uma comunicação terapêutica eficaz e inclusiva, garantindo o bem-estar e o desenvolvimento dessas crianças?

Por meio da análise e discussão dos recursos e estratégias disponíveis, este trabalho visa contribuir para a reflexão e aprimoramento das práticas de enfermagem voltadas ao cuidado das crianças com TEA, enfatizando a importância da comunicação terapêutica como um elemento essencial para o seu desenvolvimento e qualidade de vida.

REVISÃO LITERÁRIA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem uma história complexa em sua compreensão. Inicialmente, o termo "autismo" foi mencionado por Eugene Bleuler em 1911, referindo-se a um sintoma da esquizofrenia. No entanto, foi Leo Kanner, em 1943, que primeiro delineou o conceito em seu artigo "Autistic disturbances of affective contact", descrevendo 11 crianças com dificuldades significativas em se relacionar socialmente desde muito cedo em suas vidas (KANNER, 1943).

O diagnóstico contemporâneo, conforme descrito no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) caracteriza o TEA como um distúrbio do neurodesenvolvimento, evidenciado por déficits persistentes na comunicação e interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Isso pode incluir dificuldades na reciprocidade social, comunicação não verbal e na capacidade de desenvolver relacionamentos (JOANN *et al*., 2020).

As manifestações clínicas do TEA variam consideravelmente, desde indivíduos com deficiência intelectual severa até aqueles com habilidades intelectuais preservadas, mas com comorbidades adicionais, o que pode levar à confusão com outros transtornos neuropsiquiátricos (JOANN *et al*., 2020).

Embora a causa exata do autismo não seja totalmente compreendida, os estudos atuais enfatizam uma forte influência de fatores genéticos. De acordo com Dráuzio Varella (2011), a interação entre as proteínas neuroliginas e neurexinas parece desempenhar um papel crucial. Essas proteínas estão envolvidas na transmissão adequada de estímulos entre neurônios na sinapse, e mutações nelas podem resultar em desequilíbrios que afetam a linguagem, aprendizado, comunicação social e memória.

Dessa forma, o TEA é um transtorno complexo e variável, influenciado por uma interação complexa de fatores genéticos e ambientais, cujo entendimento ainda está em evolução através da pesquisa contínua.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta sinais que podem surgir logo após o nascimento, tornando-se mais evidentes entre o primeiro e segundo ano de vida da criança. Nesse sentido, os pais desempenham um papel essencial na identificação precoce desses sinais, sendo fundamentais para um diagnóstico precoce, uma vez que o atraso no diagnóstico pode resultar em maiores dificuldades no desenvolvimento da criança (JOANN *et al*., 2020).

Um diagnóstico preciso do TEA requer uma abordagem multidisciplinar, baseada em critérios comportamentais específicos e considerando a história da criança, o que envolve a coleta de informações de todos os envolvidos na vida da criança, como pais, professores e cuidadores, além de exames neurológicos, metabólicos e genéticos para complementar o processo diagnóstico (JOANN *et al*., 2020).

Silva e Mulick (2009) destacam a importância de componentes essenciais em uma avaliação diagnóstica, incluindo entrevistas clínicas detalhadas com os pais ou responsáveis para obter informações cruciais sobre a história social, familiar e médica da criança, bem como sua história de desenvolvimento. Além disso, é necessária uma

avaliação médica abrangente para investigar possíveis comorbidades e distúrbios neurológicos, metabólicos e genéticos, juntamente com uma avaliação psicológica.

O DSM-5 ressalta que os sintomas do TEA podem mudar ao longo do tempo e podem ser mascarados por mecanismos compensatórios, enfatizando a importância da obtenção de dados retrospectivos da famíliaTEA (JOANN *et al*., 2020).

Nesse sentido, para garantir um diagnóstico precoce, é essencial que os enfermeiros forneçam orientações às famílias durante o pré-natal e puerpério, educando sobre os marcos do desenvolvimento e fornecendo parâmetros para avaliar o comportamento adequado para cada fase do desenvolvimento, além de informar sobre os sinais de alerta para TEA (JOANN *et al*., 2020).

O profissional de enfermagem desempenha um papel significativo no cuidado às crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Durante a consulta, esse profissional tem a oportunidade de estabelecer um contato inicial com o paciente, o que permite a triagem e a identificação precoce dos sinais e sintomas do transtorno. Esses sinais podem incluir irritabilidade, dificuldade em estabelecer relacionamentos e fazer contato visual, falta de interesse na interação social e comportamentos estereotipados, entre outros (MOTA *et al*., 2022).

É fundamental que a assistência oferecida pela equipe de enfermagem seja acolhedora e ética, visando transmitir segurança tanto para a criança com TEA quanto para sua família. O profissional precisa ser capaz de se relacionar adequadamente com as crianças em geral, adaptando-se ao ritmo de cada uma, transmitindo confiança e mantendo uma postura profissional em relação ao seu comportamento, ao mesmo tempo que cultiva uma relação amigável (MOTA *et al*., 2022).

Essa abordagem empática e sensível por parte da equipe de enfermagem é essencial para garantir que as crianças com TEA se sintam confortáveis e compreendidas durante o processo de cuidado, contribuindo para seu bem-estar e para o sucesso do tratamento.

METODOLOGIA

Este estudo consiste em uma revisão sistemática da literatura realizada entre fevereiro e abril de 2024, com o objetivo de investigar o papel da enfermagem na promoção da comunicação terapêutica com crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para isso, foram consultadas diversas bases de dados eletrônicas, incluindo a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), PubMed e Google Acadêmico.

Os descritores utilizados foram "Transtorno do Espectro Autista", "enfermagem", "comunicação terapêutica", "criança" e termos relacionados. A pesquisa incluiu estudos em português, inglês e espanhol, com tradução para o português, que explorassem o papel dos profissionais de enfermagem na facilitação da comunicação terapêutica com crianças com TEA.

Foram excluídos estudos que não estavam diretamente relacionados ao tema, assim como resumos, cartas ao editor e relatos de caso. Após uma seleção inicial, os artigos foram submetidos a uma leitura exploratória para avaliar sua relevância para a revisão. Ao final deste processo, foram selecionados 10 artigos para análise mais aprofundada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente trabalho utilizou 6 (seis) artigos conforme demonstra a tabela abaixo e as demais referências utilizadas foram livros e sites.

Autor	Título do artigo	Ano da publicação	Objetivo
Andy Bondy e Lory Frost	Sistema por troca de figuras	2019	Apresentar o sistema de figuras PECS
Gina Green	Comunicação facilitada	2016	Comunicação facilitade em crianças autistas

Fabiany Rodolpho Joann	O enfermeiro no estabeleciomento da comunicação com a criança neuroatípica	2020	Demonstra o papel da enfermagem no estabelecimento da comunicação com a criança neuroatípica
Mariane Victória da Silva	Contribuições da enfermagem na assistência à criança com transtorno do espectro autista: uma revisão da literatura	2022	Fala das contribuições da enfermagem na assistência à criança autista
R. C. F Sena	Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. Revista de Pesquisa	2015	Aborda práticas de enfermagem no trato com crianças autistas
M. Silva e J.A. Mulick	Diagnosticando o transtorno autista	2009	Trata do diagnóstico de pessoas autistas

Fonte: a própria autora.

O autismo é uma condição neurológica que geralmente se manifesta nos primeiros meses de vida, revelando-se através de atrasos no desenvolvimento e alterações comportamentais. Portanto, durante as consultas de puericultura e de enfermagem, é importante que os enfermeiros estejam capacitados para observar atentamente o desenvolvimento das crianças e identificar sinais de alerta que possam indicar a presença de autismo de forma precoce.

Conforme mencionado por Sena *et al*. (2015), os enfermeiros desempenham um papel significativo no diagnóstico e acompanhamento do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Eles podem realizar uma análise comportamental da criança durante as consultas, investigando seu crescimento e desenvolvimento. Além disso, podem oferecer apoio e orientação aos pais sobre os desafios e procedimentos de cuidado associados ao TEA.

Quando se trata da interação entre enfermeiros e crianças autistas, é essencial que o enfermeiro atue como um agente de socialização, proporcionando um ambiente acolhedor e seguro para a criança. Junto à família, o enfermeiro desempenha um papel

educativo importante, ajudando-os a compreender e lidar com os desafios associados ao autismo (JOANN *et al*., 2020).

Cada criança com autismo é única, e suas manifestações clínicas podem variar amplamente. Portanto, é fundamental que os enfermeiros reconheçam essa diversidade e adaptem sua abordagem de acordo com as necessidades individuais de cada criança. Após o diagnóstico, o cuidado deve ser integrado em uma equipe multidisciplinar e adaptado às diferentes fases de vida do paciente (JOANN *et al*., 2020).

Para crianças com déficits na comunicação verbal, estratégias de comunicação alternativa podem ser benéficas, o que inclui o uso de linguagem de sinais, gestos, símbolos e figuras, que podem ajudar a criança a se expressar de forma mais independente. Embora essas técnicas sejam frequentemente associadas a fonoaudiólogos e psicoterapeutas, os enfermeiros também podem incorporá-las em seu trabalho para estimular o desenvolvimento da criança (JOANN *et al*., 2020).

É importante reconhecer que não há uma abordagem única que funcione para todas as crianças com autismo, e suas necessidades podem mudar ao longo do tempo. Além disso, para alcançar resultados positivos no desenvolvimento da comunicação, é essencial envolver toda a família, pois são os pais que desempenham um papel fundamental no estímulo e no apoio à criança durante seu desenvolvimento (JOANN *et al*., 2020).

A fim de ajudar a criança portadora de autismo, o enfermeiro pode introduzir o método PECS (Picture Exchange Communication System - Sistema de Comunicação por Troca de Figuras) de comunicação alternativa desenvolvido em 1985 nos Estados Unidos por Andy Bondy e Lori Frost. Seu principal objetivo é auxiliar crianças e adultos com autismo ou outros distúrbios do neurodesenvolvimento a desenvolverem habilidades de comunicação e interação (BONDY e FROST, 2019).

O sistema utiliza figuras, imagens ou ilustrações, chamadas de reforçadores, para representar objetos, ações ou situações do dia a dia. O treinamento em PECS envolve uma sequência de seis passos. Na primeira fase, o adulto entrega à criança uma figura

que representa algo que ela possa precisar, como comida, ensinando-a a entregar a figura sempre que quiser esse item (BONDY e FROST, 2019).

Na segunda fase, a criança é incentivada a usar a mesma figura para diferentes situações e com diferentes pessoas, ampliando o significado da figura.A terceira fase envolve apresentar à criança várias imagens para que ela faça escolhas com base em suas preferências e essas imagens são armazenadas para uso futuro (BONDY e FROST, 2019).

Na quarta fase, a criança aprende a formar sentenças simples usando as figuras, como "eu quero" seguido do objeto desejado.A quinta fase consiste na expansão da linguagem, onde a criança aprende a usar o sistema para responder perguntas.Na última fase, a criança é encorajada a comentar suas escolhas em resposta a perguntas como "o que você vê?", aprendendo a formular frases completas (BONDY e FROST, 2019).

É importante ressaltar que o treinamento em PECS não é limitado pela idade e pode ser aplicado em adultos com deficiências cognitivas, assim como em crianças sem essas limitações, adaptando-se às necessidades individuais de cada pessoa (JOANN *et al.*, 2020).

Conforme Mello (2005) destaca, o PECS tem sido amplamente adotado em diversos países devido à sua simplicidade de aplicação e baixo custo, além de proporcionar resultados significativos na comunicação quando implementado corretamente. O objetivo principal do PECS é incentivar a criança a compreender que através da comunicação ela pode obter mais facilmente aquilo que deseja, estimulando-a a se comunicar e, consequentemente, reduzindo problemas de comportamento.

Para que o aluno aprenda o PECS, é fundamental que seja instruído por um profissional devidamente treinado. Portanto, é importante que os enfermeiros se capacitem nesse método, pois podem utilizá-lo no acompanhamento de crianças em clínicas, escolas e até mesmo em Unidades Básicas de Saúde (UBS). No Brasil, o curso de capacitação em PECS geralmente é ministrado ao longo de dois dias, durante os quais os participantes aprendem a criar um ambiente de aprendizagem eficaz para os alunos

por meio da Pyramid Consultoria Educacional, que representa o sistema no país (JOANN *et al*., 2020).

Outro método que pode ser utilizado para facilitar a comunicação de crianças portadoras de TEA é a Comunicação Facilitada (CF), idealizada por Rosemary Crossley, que inicialmente foi desenvolvida para pessoas com paralisia cerebral e depois adotada para indivíduos com autismo (JOANN *et al*., 2020).

Crossley, ao lecionar em um instituto em Melbourne, Austrália, observou que alguns de seus alunos com paralisia cerebral severa demonstravam habilidades de comunicação e matemática que não eram evidentes devido às suas limitações físicas. Ao proporcionar apoio físico para que esses alunos apontassem figuras ou letras, Crossley percebeu que suas habilidades emergiam, aparentemente desenvolvidas de forma natural (JOANN *et al*., 2020).

A técnica da CF envolve um facilitador que coloca sua mão sobre a mão, braço ou pulso da pessoa com deficiência, direcionando-a para um teclado de computador ou tabuleiro com letras, palavras e imagens. A comunicação ocorre através do contato físico entre o facilitador e a pessoa, que seleciona letras, palavras ou imagens (BRAZ e CHAVES, 2017).

Contudo, a CF enfrentou controvérsias desde o início, já que exigia a participação de duas pessoas para criar mensagens, e não era claro o quanto cada uma contribuía. Uma investigação patrocinada pelo governo em 1989 examinou a eficácia da CF, revelando que, quando os facilitadores tinham conhecimento das mensagens esperadas e sua precisão era avaliada objetivamente, os resultados não se sustentavam. Em vez disso, os facilitadores pareciam ser os autores principais das mensagens, muitas vezes sem o conhecimento da pessoa com deficiência (GREEN, 2016).

Apesar das críticas, a CF continua sendo utilizada em alguns contextos, especialmente em locais com recursos limitados, como uma forma de estimular a comunicação em crianças autistas ou com deficiências neurológicas. No entanto, é importante que o facilitador, como um enfermeiro, permita que a criança tenha controle

total de sua mão durante o processo, sem influenciar os resultados, e que o ambiente seja cuidadosamente controlado para evitar interferências externas (GREEN, 2016).

Além disso, é fundamental que o facilitador leia em voz alta as palavras digitadas, promovendo a associação entre as palavras e seus sons. O Instituto de Comunicação e Inclusão (ICI) da Universidade de Syracuse, nos EUA, é uma referência mundial no ensino da técnica, oferecendo capacitação para profissionais interessados em sua aplicação e desenvolvimento (JOANN *et al*., 2020).

Diante disso, foi possível perceber diversas estratégias e técnicas que os enfermeiros podem empregar para facilitar a interação e compreensão desses pacientes, contribuindo assim para seu desenvolvimento e qualidade de vida.

Um dos aspectos fundamentais é importância do diagnóstico precoce do TEA, ressaltando o papel essencial dos enfermeiros nas consultas de puericultura e enfermagem para identificar sinais precoces do transtorno. Como mencionado por Sena *et al*. (2015), a capacidade de reconhecer esses sinais e encaminhar as crianças para intervenções e suporte especializado é crucial para garantir o melhor prognóstico possível e minimizar possíveis complicações no desenvolvimento.

Além disso, a abordagem multidisciplinar no cuidado do TEA foi enfatizada como essencial. Os enfermeiros devem integrar-se a uma equipe composta por profissionais de diversas áreas, como psicólogos, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais, para garantir um cuidado abrangente e adaptado às necessidades individuais de cada criança com TEA (JOANN *et al*., 2020).

No que diz respeito às estratégias de comunicação alternativa, como o PECS e a Comunicação Facilitada (CF), foram discutidos o papel dos enfermeiros na implementação dessas técnicas. Conforme apontado por Mello (2005), enquanto o PECS se mostrou uma ferramenta eficaz para desenvolver habilidades de comunicação e interação, a CF enfrentou críticas devido à sua dependência de facilitadores e à falta de clareza quanto à contribuição da criança no processo.

Apesar das controvérsias, ambas as técnicas têm sido utilizadas em alguns contextos, especialmente em locais com recursos limitados, como uma forma de

estimular a comunicação em crianças autistas ou com deficiências neurológicas. No entanto, é fundamental que os enfermeiros estejam cientes das melhores práticas e garantam que o ambiente seja cuidadosamente controlado para evitar interferências externas e garantir a autonomia da criança (GREEN, 2016).

Portanto, destaca-se a importância da capacitação constante dos enfermeiros nessas abordagens, garantindo um cuidado eficaz e centrado no paciente para indivíduos com autismo e suas famílias. A sensibilização sobre a diversidade de abordagens no cuidado do TEA e a promoção de práticas mais inclusivas e sensíveis por parte dos profissionais de enfermagem foram pontos-chave para melhorar o suporte oferecido a essas crianças e suas famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Transtorno do Espectro Autista é uma condição neurológica complexa caracterizada por déficits na comunicação, interação social e padrões comportamentais restritos e repetitivos. Este transtorno demanda uma abordagem multidisciplinar e sensível por parte dos profissionais de saúde, especialmente dos enfermeiros, na identificação precoce e no acompanhamento das crianças afetadas e suas famílias.

O método Picture Exchange Communication System (PECS) surge como uma valiosa ferramenta de comunicação alternativa para crianças com TEA, facilitando a expressão independente por meio de figuras, símbolos e gestos. O PECS oferece uma sequência estruturada de etapas para o desenvolvimento da comunicação, proporcionando à criança um meio eficaz de se expressar e interagir com o ambiente ao seu redor.

Por outro lado, a Comunicação Facilitada (CF) foi inicialmente concebida como uma técnica para pessoas com paralisia cerebral, mas também foi adotada para crianças com autismo. Apesar de enfrentar controvérsias sobre sua eficácia e a possibilidade de sugestão por parte do facilitador, a CF continua sendo utilizada em alguns contextos como uma forma de estimular a comunicação em crianças com TEA, requerendo cuidado e controle adequados para garantir sua integridade.

Por todo exposto, a enfermagem desempenha um papel fundamental na promoção da comunicação terapêutica com crianças com TEA. Ao adotarem abordagens como o PECS e a CF, os enfermeiros podem facilitar o desenvolvimento das habilidades de comunicação dessas crianças, contribuindo para sua qualidade de vida e bem-estar.

Nesse sentido, é essencial que os profissionais de enfermagem se capacitem e atualizem constantemente sobre essas técnicas, garantindo um cuidado centrado no paciente e adaptado às necessidades individuais de cada criança e sua família. Além disso, pesquisas nessa área são fundamentais para subsidiar o trabalho dos profissionais.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BONDY, Andy; FROST, Lori. **Sistema por troca de figuras - PECS**.2019. Disponível em: https://pecs-brazil.com/sistema-de-comunicacao-portroca-de-figuras-pecs/. Acesso em: 04 abril 2024.

BRAZ, F.S; CHAVES, E.C. **Autismo e comunicação facilitada: um olhar transdisciplinar para o processo de ensino- aprendizagem**. Realize Editora: Campina Grande, 2017.

GREEN, Gina. **Comunicação Facilitada**. 2016. Disponível em:https://www.skeptic.com/reading_room/facilitated-communication-mentalmiracle-or-sleight-of-hand/. Acesso em: 04 abril 2024.

JOANN, Fabiany Rodolpho *et al*. **O enfermeiro no estabelecimento da comunicaçãocom a criança neuroatípica**. Faculdade Capixaba de Nova Venécia: Rio de Janeiro, 2020.

KANNER, L. **Distúrbios autísticos do contato afetivo**. 1943. Disponível em: https://neurodiversity.com/library_kanner_1943.pdf. Acesso em: 04 abril 2024.

MELLO, A. M. S. R. **Autismo: guia prático**. 2005. Disponível em: http://www.autismo.org.br/site/images/Downloads/7guia%20pratico.pdf.Acesso em: 04 abril 2024.

MOTA, Mariane Victória da Silva*et al*. **Contribuições da enfermagem na assistência à criança com transtorno do espectro autista: uma revisão da literatura**. Universidade Estadual do Maranhão: Coroatá, 2022.

SENA, R. C. F. *et al*. **Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil**. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**. 2015. Disponível em:https://www.redalyc.org/pdf/5057/505750947007.pdf. Acesso em: 04 abril 2024.

SILVA, M.; MULICK, J. A. **Diagnosticando o transtorno autista**: aspectos fundamentais e considerações práticas. Psicol. Cienc. Prof.: Brasília, 2009.

VARELLA, Dráuzio. **Possíveis causas do autismo.** 2011. Disponível em: https://drauziovarella.uol.com.br/drauzio/artigos/possiveiscausas-do-autismo-artigo/. Acesso em: 04 abril 2024.